

Diretoria Executiva

Presidente:

Coronel Roberto Rodrigues de Menezes

Vice-Presidente:

Tenente Coronel Paulo Roberto Bornhofen

Diretor Cultura Eventos:

Tenente Coronel Fredolino Antônio David

Secretário:

Major José Geraldo Rodrigues de Menezes

Tesoureiro:

Coronel Álvaro Maus

Bibliotecário:

Tenente Coronel Alexandre Corrêa Dutra

Conselho Fiscal:

Coronel Edmundo José de Bastos Júnior

Coronel Ib Silva

Tenente Coronel Francisco de Assis Vitovski

Capa e contracapa (criação): Adriana do Amaral Menezes Souza (Maia Serviços e Tecnologia Ltda). Redação e coordenação: Cel Roberto. Impressão: Editora/Gráfica Natal.

Foto de Capa: Sessão solene comemorativa aos 87 anos do CBM (25-09-13). O cadete Wagner Moraes, do CBM, entroniza o estandarte da Academia de Letras dos Militares Estaduais em seu pedestal.

Fundada em 1º de Outubro de 2012. Instalada em 25 de Outubro de 2012. Sede da Academia na Associação Barriga Verde dos Oficiais Militares Estaduais, Rua Lauro Linhares 1250, Trindade, Florianópolis, Santa Catarina, CEP 88036-002. Correspondência para o Presidente ou Secretário.

(roberto.rodrigues.menezes@gmail.com)

Membros efetivos

(Acadêmicos)

Cadeira 1 — Coronel Edmundo José de Bastos Júnior
Cadeira 2 — Coronel Roberto Rodrigues de Menezes
Cadeira 3 — T C Paulo Roberto Bornhofen
Cadeira 4 — T C Fredolino Antônio David
Cadeira 5 — Major José Geraldo Rodrigues de Menezes
Cadeira 6 — Coronel Álvaro Maus
Cadeira 7 — T C Alexandre Corrêa Dutra
Cadeira 8 — Coronel Ib Silva
Cadeira 9 — Major Edenice da Cruz Fraga
Cadeira 10 — Coronel Nazareno Marcineiro
Cadeira 11 — Coronel Marcos de Oliveira
Cadeira 12 — T C Francisco de Assis Vitovski
Cadeira 13 — Coronel Marlon Jorge Teza
Cadeira 14 — Coronel Giovani de Paula
Cadeira 15 — Coronel Onir Mocellin
Cadeira 16 — T C Marcello Martinez Hipólito
Cadeira 17 — T C Altair Francisco Lacowicz
Cadeira 18 — Major Jorge Eduardo Tasca
Cadeira 19 — Capitão José Ivan Schelavin
Cadeira 20 — T C José Luiz Gonçalves da Silveira
Cadeira 21 — Soldado Edson Rosa Gomes da Silva

Patronos:

Cadeira 1 — Coronel Antônio de Lara Ribas
Cadeira 2 — Comendador Feliciano Nunes Pires
Cadeira 3 — Coronel Cantídio Quintino Régis
Cadeira 4 — Tenente Coronel João Elói Mendes
Cadeira 5 — Coronel Pedro Lopes Vieira
Cadeira 6 — Coronel João Cândido Alves Marinho
Cadeira 7 — 2º Tenente Waldemiro Ferraz de Jesus

Cadeira 8 – Major Ildefonso Juvenal da Silva
Cadeira 9 – Coronel Zinaldo José Ghisi
Cadeira 10 – Capitão Osmar Romão da Silva
Cadeira 11 – Coronel Ruy Stockler de Souza
Cadeira 12 – Tenente Coronel Januário de Assis Corte
Cadeira 13 – Coronel Mário Fernandes Guedes
Cadeira 14 – Coronel Theseu Domingos Muniz
Cadeira 15 – Coronel Carlos Hugo de Souza
Cadeira 16 – Coronel Roberto Kell
Cadeira 17 – Major Demerval Cordeiro
Cadeira 18 – Capitão Manoel Gomes
Cadeira 19 – Capitão Euclides de Castro
Cadeira 20 – Desembargador José Arthur Boiteux
Cadeira 21 – Brigadeiro Jerônimo Francisco Coelho



10-10-13 Os novos acadêmicos prestam juramento. Edson Rosa Gomes da Silva, José Luiz Gonçalves da Silveira, Marcello Martinez Hipólito e Giovani de Paula.

DIÁRIO ACADÊMICO

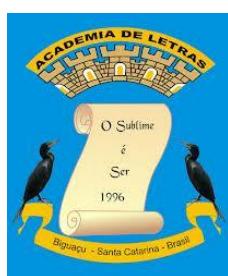
2º Semestre de 2013



11 de setembro – Na Academia Desterrense de Letras aconteceu painel literário a respeito do Hino de Santa Catarina. Palestrante o acadêmico padre Ney Brasil Pereira (foto) e mediador Roberto Rodrigues de Menezes, membro daquela entidade. Belo hino, bela letra, esta nada tendo a ver com Santa Catarina. O padre Ney apresentou outra letra que fala do Estado, para avaliação e estudo.



12 de setembro – Sessão poética (roda de poesia) promovida pelo GPL, Grupo de Poetas Livres, em comemoração ao 57º aniversário da Biblioteca Barreiros Filho, no Estreito, ao lado do Colégio Nossa Senhora de Fátima. O Presidente foi convidado a participar do recital e se fez presente. Bela tertúlia literária.



16 a 20 de setembro – Primeira Feira do Livro da Academia de Letras de Biguaçu, que comemorou 17 anos de vitoriosa existência. Na noite do dia 20, em sessão solene, quatro novos membros receberam seus balandraus e insígnias e foi lançada a Antologia 2013. O Presidente, escritor Adauto Beckhauser, reeleito por aclamação, foi o anfitrião do evento, que se realizou no Prédio Born, Praça Nereu Ramos 160, Biguaçu.

19 de setembro – 19 horas – O presidente da Academia recebeu convite pessoal da Academia Catarinense de Letras



e compareceu à Sessão Solene de Saudade, em memória do escritor Iaponan Soares de Araújo (São Vicente /RN- 1936 – Fpolis/SC – 2012), ex-titular da Cadeira 36 daquela magna entidade de letras.



21 de setembro – 17 horas – Sessão cultural da Academia São José de Letras, com apresentações literárias e musicais que tiveram o município como referência. O Presidente participou como membro da entidade.

25 de setembro – 20 Horas - Clube dos Oficiais na Trindade. Sessão solene da Academia de Letras dos Militares Estaduais em homenagem ao 87º aniversário do Corpo de Bombeiros

Militar. A oração acadêmica do coronel Marcos de Oliveira, Comandante Geral do CCB, foi lida pelo coronel Onir Mocellin, pois aquela autoridade se encontrava em São Francisco do Sul, em razão de ato inadiável de serviço (incêndio de grandes proporções com liberação de gás tóxico). Panegírico do patrono da Cadeira 7, 2º tenente Waldemiro Ferraz de Jesus, a cargo do acadêmico tenente coronel Alexandre Corrêa Dutra.

Compareceram os seguintes membros efetivos: coronel Edmundo, coronel Roberto, tenente coronel Bornhofen, tenente coronel David, major Menezes, coronel Maus, tenente coronel Corrêa, major Edenice, tenente coronel Vitovski, coronel Mocellin, tenente coronel Lacowicz e major Tasca. Após a solenidade, os acadêmicos confraternizaram com um jantar no Restaurante Ataliba, na Rodovia SC-401. Presenças marcantes do Escritor e Poeta Augusto César de Abreu Teodoro, pela Academia São José de Letras, e do Escritor e



Poeta Augusto Barbosa Coura Neto, pela Academia Alcantarense de Letras. Os dois augustos confrades participaram também do jantar, demonstrando grande amizade e consideração pela nossa Academia. Na festa também Adriana Menezes, esposa do major Menezes, Tatiana Custódio, esposa do major Tasca e Iratan Curvelo, marido da confrreira Edenice.

Gratidão também aos oficiais, praças, cadetes e alunos soldados do Corpo de Bombeiros, pelas suas relevantes presenças na solenidade.

10 de outubro – 20 horas - Sessão solene comemorativa ao 1º aniversário da Academia. Posse dos novos membros: coronel Giovani de Paula, tenente coronel Marcello Martinez Hipólito, tenente coronel José Luiz Gonçalves da Silveira e soldado Edson Rosa Gomes da Silva. Foi lançado o segundo número de “O Clarim”, revista de cultura do nosso sodalício.

O coronel Fernando Rodrigues de Menezes, secretário adjunto da Secretaria de Segurança Pública, representou o Sr. Governador do Estado, Raimundo Colombo. Fez-se presente o coronel Rogério Martins, presidente da ABVO, associação que foi agraciada com o Diploma de Amigo da

Academia, como também agraciada a Acors e seu presidente coronel Fred Harry Schauffert. O 1º tenente Diego e a turma de cadetes do 2º CFO da PMSC abrilhantaram o evento.

Agradecemos a gentileza do tenente coronel Marcos Vieira, Comandante da APMT. Pelo Corpo de Bombeiros esteve presente o seu Comandante Geral e acadêmico, coronel Marcos de Oliveira, além de cadetes e praças daquela Corporação. Pela Associação João Elói Mendes dos Oficiais da Reserva, compareceu o seu presidente, coronel Edison Carlos Ortiga. O Coronel Vieland Krieck foi presença ilustre. Acadêmicos presentes: coronel



Edmundo, tenente coronel Bornhofen, coronel Roberto, tenente coronel David (que fez o cerimonial), major Menezes, coronel Maus (que nos brindou com uma belíssima oração acadêmica alusiva ao 1º aniversário, objeto de calorosos elogios do meio literário presente), coronel Ib Silva, major Edenice, tenente coronel Vitovski, coronel Marlon e capitão Schelavin, que colocou o estandarte em seu pedestal, ao som da Canção da Academia, música e arranjos do capitão músico Walfredo Raymundo Pinho. Presenças de diversos membros de outras academias e associações literárias, cujo prestígio e amizade em muito significam o nosso sodalício:

- Dr. Péricles Prade, Presidente da Academia Catarinense de Letras;
- Professor e escritor Júlio de Queiroz, da Academia Catarinense de Letras;
- Escritor e poeta Artemio Zanon, das Academias Catarinense de Letras, Desterrense e São José, agraciado com a Medalha de Mérito da Academia em sua primeira edição anual, pelos relevantes feitos à cultura catarinense;
- Escritora, professora e poetisa Zenilda Nunes Lins;



- Nelcy Mendes Coutinho, proprietária da Editora Papa-livro, encarregada de nossa primeira Antologia;
- Escritor Leno Saraiva Caldas, presidente da Academia Alcantarense de Letras e membro da Academia Desterrense;
- Poeta Augusto César de Abreu Teodoro, das Academias Desterrense, São José, Catarinense de Letras e Artes e presidente da Associação de Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses (ACPCC);
- Poeta Augusto Barbosa Coura Neto, das Academias Alcantarense, São José e Desterrense;
- Escritora Inês Carmelita Lohn, das Academias Alcantarense e de Letras do Brasil, seccional Florianópolis;
- Escritora e cantora Ivonita di Concílio, da Academia de Letras do Brasil, seccional Florianópolis;
- Dr. Roberto Pugliese, da Academia São José de Letras;

- Escritor José Honório Marques, presidente da Academia de Letras e Artes do Brasil, seccional Palhoça, cabo da Polícia Militar;
- Poetisa Sônia Ripoll Lopes, presidente da Academia de Letras de Palhoça;
- Lino Ávila Lopes, da Academia de Letras e Artes do Brasil, seccional Palhoça;
- Poetisa e declamadora Heralda Víctor, das Academias Desterrense e Catarinense de Letras e Artes;
- Poetisa Maura Soares, da Academia Desterrense de Letras e Presidente do Grupo de Poetas Livres:;
- Romancista Katia Rebello, das Academias Desterrense e São José;
 - Poetisa Vera Regina da Silva de Barcellos, da Academia Desterrense de Letras;
 - Profª Elizete Lanzoni Alves, da Academia Catarinense de Letras Jurídicas (Acalej) e Academia Alcantarense;



- Padre Ney Brasil Pereira, da Academia Desterrense de Letras, poeta, maestro, teólogo e escritor de renome;
- Poetisa Vilca Marlene Merizio, das Academias Desterrense, São José e Biguaçu de Letras;

- Jornalista e poetisa Hiamir Polli Mathias, presidente da Academia Desterrense de Letras;
- Escritor e Poeta Paulo Berri, das Academias Catarinense de Letras e Artes e São José de Letras;
- Nossa companheira militar estadual, poetisa Susana Zilli de Melo, da Academia Alcantarense de Letras e ACPCC;
- Poetisa Maria Elena Lamego Mattos, das Academias São José e ALB/ seccional Florianópolis.
- Escritor Airton da Silveira Filho, do Grupo de Poetas Livres.

A presença amiga de tantos escritores e poetas foi para nós um grande acontecimento. Esperamos contar no futuro com a presença de mais oficiais e praças das Corporações.

Após a cerimônia, todos os presentes se dirigiram à Churrasqueira do Clube (espaço 2) para um coquetel, que foi impecavelmente organizado pela senhora Sílvia Maria Amaral Menezes. A ela o nosso reconhecimento pelo apoio valioso.

Gratidão também às duas Associações que nos dão total respaldo e têm se constituído parceiras fiéis: a **Associação Barriga Verde dos Oficiais Militares Estaduais**, que nos ofereceu seu endereço como sede, como também a **Associação Capitão Osmar Romão da Silva**. Foram e são determinantes no seu apoio irrestrito, pelo que agradecemos aos presidentes, coronel Rogério Martins e coronel Fred Harry Schauffert, bem como às suas diretorias. Por tal parceria, nada mais justo que considerá-las **amigas**.

23 de outubro – O município de Maravilha, no oeste catarinense, realizou nesta data a sua Segunda Jornada Cultural.



No evento, o presidente do IHGSC - Instituto Histórico e Geográfico, Dr. Augusto César Zeferino, empossou o nosso companheiro Coronel RR Flávio Luiz

Pansera como membro daquela relevante casa de cultura estadual. Ao amigo Pansera os mais efusivos parabéns por tão importante e merecida conquista. Na foto (esq/dir) o escritor e poeta Augusto Barbosa Coura Neto, o artista plástico e historiador Eleutério Nicolau da Conceição, Coronel Pansera e o escritor Leno Saraiva Caldas.

27 de outubro – Faleceu nesta data no Hospital de Caridade em Florianópolis, vítima de grave doença, o nosso estimado poeta, compositor e grande declamador ALZEMIRO LÍDIO VIEIRA, membro efetivo do Grupo de Poetas Livres, acadêmico das Academias Desterrense e São José de Letras.

Que esteja ao lado de Deus, poetizando e encantando o paraíso celeste com suas cantilenas.



O Presidente, representando a Academia de Letras dos Militares Estaduais e envergando insígnia e traje acadêmico, compareceu com a esposa Sílvia às exéquias (às 15 horas de domingo) no Cemitério de Barreiros, São José. Alzemiro foi sepultado às 17

horas no cemitério de Coqueiros.

Presenças de membros das Academias coirmãs, numa despedida sentida e muito comovente. Palavras de conforto à família foram ditas em momento simples e alguns poemas declamados. Muitos integrantes do Grupo de Poetas Livres e a sua presidente Maura Soares, além de acadêmicos. (Foto de 11-04-13, sessão de aniversário do GPL).



28 de outubro – O Tenente Coronel David, Diretor de Cultura e Eventos, esteve nesta data em Belo Horizonte proferindo palestra

sobre “Símbolos oficiais – grandes dúvidas”, para ceremonialistas e profissionais de eventos, no Centro Universitário da UNA. No dia 30 participa em Brasília da 88^a Reunião do Comitê Nacional de Cerimonial e Protocolo.



29 de outubro – 08 horas – Abertura da Semana do Livro no Colégio Feliciano Nunes Pires. A Diretora e acadêmica, Major Edenice, funcionários, corpo docente, alunos e o Presidente da Academia de Letras dos Militares Estaduais participaram da abertura do evento. Foram distribuídos livros para os alunos.

30 de outubro – 19 horas – Aconteceu na Biblioteca Barreiros Filho, no Estreito, sessão solene de Panegírico da Academia



Lacerda Coutinho

Desterrense de Letras, tendo Roberto R. de Menezes, como detentor da Cadeira 36 daquela entidade literária, discursado a respeito de seu patrono, o médico e poeta deuterrense José Cândido de Lacerda Coutinho.

Estiveram presentes à sessão o coronel Álvaro Maus e a Major Edenice da Cruz Fraga mais seu marido Iratan Curvello.

31 de outubro — 15 horas — São Pedro de Alcântara: sessão



solene de posse de nova diretoria. O renomado escritor Leno Saraiva Caldas transmitiu a presidência da Academia Alcantarense de Letras (Acale) para Augusto Barbosa Coura Neto e tomou posse a nova acadêmica Elizete Lanzoni Alves. Na foto Sônia Ripoll

Lopes, Menezes, Augusto Coura, Roberto e David.

31 de outubro — 19 horas — Grupo de Poetas Livres. Sessão de saudade em homenagem ao escritor e poeta Alzemiro Lídio Vieira. O presidente compareceu e tomou parte na elegia com um soneto dedicado ao poeta falecido



5 de novembro — 19:30 horas. Comemoração do 2º aniversário da ALB/ seccional Florianópolis e posse de três novos membros: Maria Elena Lamego Mattos, Luiz Barboza Neto e Carlos Eduardo Marroco.

Oração acadêmica de recepção a cargo de Roberto Rodrigues de Menezes, membro efetivo e Cadeira 15 daquela casa literária. Patrono: major Ildefonso Juvenal da Silva. (Restaurante Fratellanza, centro da capital).



23 de novembro – 16 horas – Academia de Letras e Artes do Brasil/seccional Palhoça. Sessão solene de 1º aniversário da Academia e posse de quatro novos membros. Na foto o escritor Artemio Zanon, o presidente José Honório Marques, Roberto e a escritora Inês Carmelita Lohn.



27 de novembro – 19:30 horas – Academia Desterrense de Letras - Biblioteca Professor Barreiros Filho no Estreito. Sessão solene de encerramento do ano acadêmico e comemorativa ao aniversário de Cruz e Sousa. Presenças do presidente da Academia, Coronel Roberto, membro daquela casa de letras, e do escritor Iratan Curvello, marido de nossa confreira Edenice, cujo belo poema dedicado a Cruz e Sousa foi apresentado na sessão.



28 de novembro – 19:30 horas – Biblioteca Barreiros Filho no Estreito. Solenidade de lançamento muito concorrida da obra: “Dá Rosas, Rosas, a quem sonha Rosas”, livro de ensaios poéticos da renomada poetisa Vilca Marlene Merízio, das

Academias Desterrense e São José de Letras. Também artista plástica, Vilca promoveu, com José Luiz Kohler, exposição de 16 obras inéditas denominadas “Caminheiros”, além da apresentação do livro “Dar-lhe-ei a estrela da manhã”, do mesmo José Luiz Kohler, feita pelo professor Celestino Sachet. Compareceu representando a nossa Academia a confreira Edenice da Cruz Fraga, na foto com

Vilca Merízio (no meio) e Sônia Ripoll Lopes, presidente da Academia de Letras de Palhoça.



5 de dezembro — 19:30 horas — Última reunião em 2013 do Grupo de Poetas Livres na Biblioteca Barreiros Filho, no Estreito. A presidente Maura Soares dirigiu o evento, que teve premiações por concurso *on line* de poesia, homenagens, lançamento de livros

e recital de poemas, além de música de boa qualidade. Após, O GPL ofereceu um coquetel. Na foto Maura Soares, Roberto, Vera Portela e Sinval Santos da Silveira.

6 de dezembro 2013 — Como é do conhecimento de todos os acadêmicos, a Ata de Fundação e o Estatuto da Academia foram registrados no dia 3 de maio de 2013 (publicação no Clarim nº 2) no 1º Ofício de Registro Civil, Títulos, Documentos e Pessoas Jurídicas de Florianópolis (Cartório Faria). Registro nº 34257, folha 78, Livro A-127, protocolo 28058. Acontece que foi necessário fazer uma Re-ratificação dos dois documentos, pois ocorreu um erro de digitação de um CPF de membro efetivo. E esta Re-ratificação deu à Ata de Fundação e ao Estatuto um novo Registro no mesmo Cartório, como segue:

Protocolo nº 30798, Livro 11, Folha 78.

Registro nº 36150, Livro A-133, Folha 171.

Trabalho de fôlego do secretário, major Menezes, pois a burocracia neste país é infernal.



7 de dezembro — Festa anual da ABVO — Associação Barriga Verde dos Oficiais Militares Estaduais, na Trindade — Um sucesso a festa e o lançamento da 1ª Antologia da Academia de Letras dos Militares Estaduais. Compareceram:

major Menezes, coronel Oliveira, tenente coronel David, coronel Edmundo e coronel Roberto. Na foto o coronel Lourival de Souza, que veio de Joinville, coronel Rogério, presidente da ABVO, coronel Ortiga, presidente do Grupo Elói Mendes e o presidente da Academia.



11 de dezembro 17 horas - Tomaram posse como membros efetivos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina os escritores Augusto Barbosa Coura Neto e Padre Ney Brasil Pereira, ambos da Academia Desterrense de Letras. A sessão

solene ocorreu na sede do Instituto, sítio à Avenida Hercílio Luz 523, casa José Boiteux, no centro de Florianópolis. Compareceram o coronel Roberto e major Menezes.

17 de dezembro – 19 horas - Confraternização de Natal das Academias Desterrense de Letras, São José de Letras, Alcantarense de Letras e dos Militares Estaduais. Shopping Ideal, na 1ª Feira do Livro da Editora Papa-livro, que se estende até 16 de Fevereiro do ano vindouro. (BR 101 – Km 202 Barreiros, São José). Presenças: Bornhofen e Roberto.



18 de dezembro – Aconteceu às 20:30 horas no Hotel Baía Norte, próximo à ponte Hercílio Luz, em Florianópolis, o jantar de fim de ano dos oficiais do Corpo de Bombeiros Militar. Presenças dos acadêmicos Oliveira, Mocelin,

Lacowicz, Corrêa e Roberto. Na foto, o Comandante Geral do CBM, coronel Oliveira, faz o brinde com a esposa Marisol.

19 de dezembro – 18 horas – Centro de Ensino da PMSC. Passagem de direção do Colégio Militar da Major Edenice para o Tenente Coronel Dionísio Tonet e formatura do Ensino fundamental.



No dia seguinte, o Presidente da Academia se fez presente às solenidades de formatura do Ensino Médio. Presenças do Comandante Geral da Polícia Militar de Santa Catarina, coronel Nazareno Marcineiro e do Diretor de Ensino da Corporação, coronel

José Aroldo Schlichting. Na foto o novo diretor e a acadêmica major Edenice.



25 a 31 de dezembro de 2013 — Por ocasião do encerramento do primeiro ano acadêmico, compartilhamos com todos o voto de um santo natal junto a nossos entes queridos, e que o ano novo seja repleto de atividades que firmem e embasem definitivamente nossa entidade no amplo concerto literário catarinense.

A Diretoria Executiva agradece a todos os confrades e confreira a colaboração e comprometimento com nossa destinação literária, desejando que este novo ano seja realmente muito profícuo em realizações e eventos culturais. O lançamento do *Livro dos Patronos* no segundo aniversário da Academia, será nosso mais importante objetivo literário do segundo ano acadêmico.

Correspondência recebida

11 de outubro — Prezado escritor Roberto, Presidente da Academia. Há momentos que se eternizam na memória e no coração. Experimentei ontem alguns destes momentos. As academias de letras podem contribuir e muito para a divulgação dos nossos escritores. Exatamente como a que você preside está fazendo. Obrigada pelo convite e parabéns pelo excelente evento. (*Sessão solene de 1º aniversário e posse de novos membros*).



Professora, escritora e poetisa Zenilda Nunes Lins.

12 de outubro — Que cerimônia, caro coronel! Organizada, enxuta, uma beleza. Estarei sempre prestigiando as cerimônias da Almesc. E as gafes no ceremonial descritas pelo tenente coronel David no Clarim? Levarei um exemplar do nº 2 para o nosso presidente do Instituto Histórico e Geográfico, e chamarei a atenção sobre esta matéria. Conheci (não pessoalmente) o coronel Carlos Hugo, falado na cidade pelo bon vivant que era (bonito). Fiquei curiosa em saber se ele retornou e namorou de verdade a filha do alemão ou se foi uma coisa passageira, fruto da impetuosidade do personagem. (*Foi passageiro, Maura!*).

Poetisa Maura Soares, Presidente do GPL.

15 de outubro — Boa tarde, Sr. Capitão José Ivan Schelavin: Pela segunda vez participei de uma cerimônia da sua academia e senti o quanto é organizada, começando pela boa recepção e por todo o desenrolar do evento. Parabéns pelo primeiro aniversário e por reunir tantas sumidades da literatura num mesmo local. Pensei que fosse me sentir "deslocado" porque, de conhecido mesmo, só tinha a vossa pessoa. Só que, aos poucos, estou perdendo o "medo" de conviver com os Coronéis, ranços lá do meu início na PM no 4º BPM que, confesso, foi sofrível. E apesar de os oficiais me parecerem figuras estranhas, que só fiquei conhecendo na

própria academia, por, talvez, nunca ter trabalhado com nenhum deles, sinto que os acadêmicos têm se mostrado bem mais receptivos, humanos e calorosos. Acho que, pela primeira vez, senti-me à vontade no Clube dos Oficiais, mesmo com tantos Coronéis e Oficiais ao redor. Parabéns pelo lindo evento!

Cabo José Honório Marques

Presidente da Academia de Letras e Artes do Brasil/Palhoça.

Compareça, caro confrade, pois será sempre bem-vindo.

15 de outubro — Aproveitando a oportunidade, quero noticiar a publicação de mais um artigo de minha autoria, escrito em conjunto com dois professores da UFSC. O artigo intitulado “A construção de um referencial teórico sobre a avaliação de desempenho de programas de capacitação” foi publicado, neste mês, na Revista Ensaio – Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Major Jorge Eduardo Tasca – Cadeira 18.



16 de outubro – O eminente professor Júlio de Queiroz, da Academia Catarinense de Letras, encaminhou correspondência parabenizando a Academia pela sessão solene de 1º aniversário e posse de novos membros. Sua presença à solenidade foi grande honra para nós.

19 de outubro – O acadêmico Edson Rosa Gomes da Silva comunicou à Presidência a autoria de mais um livro didático para a Unisul: “Análise criminal e gestão estratégica e integrada em segurança pública”, além de mais um capítulo de livro didático em co-autoria. Pedimos que o nosso novel confrade entregue exemplar ao Bibliotecário.

25 de novembro – A presidência está mantendo contatos, enviando material administrativo e literário, expedindo e-mails com documentos diversos para o Coronel Josimar Silva da Cruz, da Polícia Militar do estado da Bahia, que recebeu como missão coordenar tratativas para a fundação de uma Academia de Letras naquele estado. Ele contatou por e-mail a

nossa Secretaria de Segurança, sabedor que aqui existe uma Academia já implantada. O Coronel Fernando R. de Menezes, secretário-adjunto, encaminhou a solicitação para o presidente da Academia, que já está atendendo aos colegas baianos. Lá o Corpo de Bombeiros é um comando regional da PM.



26 de novembro – O professor e historiador Celestino Sachet, da Academia Catarinense de Letras, encaminhou correspondência ao presidente: *“Percorrendo as páginas da publicação (O Clarim 2), constata-se, com alegria, as atividades literárias e culturais desempenhadas nos últimos meses, para o engrandecimento de nossas letras e de nossas artes poéticas, todas merecedoras de aplausos. Com a forte admiração do Celestino Sachet”*.

27 de dezembro – Prezado confrade. Creio estar lhe devendo esta correspondência. Fiquei feliz ao ver minha crônica em O Clarim. Gostei de ver a foto do capitão Roberto Kell, bem mais velho. Lá pelos idos de 1946/47 tive oportunidade de privar do convívio do jovem casal e seu filhinho de quatro ou cinco anos, quando ele, então, morava no Morro do Vinte Cinco. Gostei muito e parabenizo o autor da crônica sobre o barco LOBO DO MAR, resgatado e salvo pelos homens que o conheciam. Isto é próprio dos catarinenses, audazes e capazes; quando querem fazer, fazem. *“É cada homem um bravo e cada bravo um cidadão”*. Um abraço e que o ano novo lhe seja cada vez mais venturoso junto a seus familiares.

Osmarina Maria de Souza (ADL, Asajol e ALBiguaçu).



Primeiro Aniversário da Academia de Letras dos Militares Estaduais (Homenagem):

Poetisa Vera de Barcellos (ADL, Asajol e ALBiguaçu)

Neste céu azul repleto de estrelas da abóbada celeste
Desperta o nosso Cruzeiro do Sul
Com seu destino rodeado de laudas poéticas.

Comemoramos hoje o Primeiro ano desta Casa Literária,
Academia de Letras dos Militares Estaduais.

Neste chão da pátria brasileira, terra fecunda de muitos literatos,

É força integrante da cultura catarinense,
Orgulho do povo trabalhador e persistente
Neste solo da Ilha de Sol e Mar.

Seus acadêmicos

Voam ao Universo florido de sua sensibilidade,
No compasso efervescente de sua alma sensível e
assimilativa,

Os pequenos e grandes idílios da vida.

Suas letras serão conhecidas

Através do esforço de todos os seus acadêmicos
Que recebem na invisibilidade dos grandes,
A medalha dos guardiões literários de hoje e dos outros tempos.

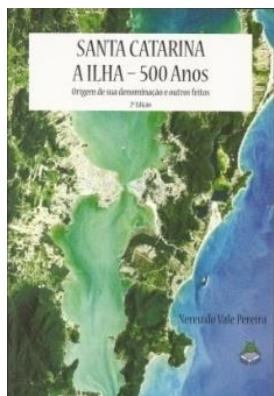
O Universo espera cada vez mais por cada um,
Pelo sinal de crescimento e sensibilidade interior
Voando aos píncaros da mais alta montanha,
Desconhecendo críticas, ultrapassando obstáculos,
Enfim, conhecendo silenciosamente cada um.

O seu imensurável valor literário.

O grau em que perfilam hoje as Casas Literárias,
Que aqui se encontram nesta noite de festas e alegrias
Faz parte da Partitura Ideológica Universal
Compondo seus versos e apresentando seus hinos
Onde as letras mais fortes
Unem-se ao Código da Unidade Intransponível:

Liberdade... Igualdade... Fraternidade...
 Pois o seu lema é: "Todos por um e um por todos".
 O meu abraço fraternal a todos os confrades literários
 E que nossos ideais sejam um só
 No cumprimento do código do Amor Incondicional,
 Do dinamismo e da Unidade Literária.
 Que tenham sempre o coração tão grande
 Quanto o número dos seus acadêmicos.
 Ampliando em todas as curvas de seus
 posicionamentos literários,
 A beleza de seus versos, poemas, poesias,
 contos e biografias.
 Que seja sempre a Academia de Letras dos
 Militares Estaduais,
 A mãe que reza baixinho com a alma cantante,
 A mais bela melodia da Unidade e do Amor Universal.
 Serás sempre nas letras,
 A Nossa MATER LITERÁRIA
 O nosso agradecimento silencioso do
 Assim Seja e Assim será!

Obra recomendada:



Santa Catarina – a ilha – 500 anos. Origem de sua denominação e outros feitos. O professor **Nereu do Vale Pereira** define em seu estudo que nossa ilha deve a sua denominação à santa de Alexandria e não a Catarina Medrano, casada com Sebastião Caboto em segundas núpcias. Define o que é ser manezinho. Mais que somente ilha, vivemos no arquipélago encantado, portal para o Atlântico sul. A cultura açoriana em destaque. Diversos mapas da ilha ilustram a pesquisa.

Análise literária do Coronel RR Flávio Luiz Pansera ao livro FLOR-DE-LIZ, do Acadêmico Tenente Coronel Francisco de Assis Vitovski.

VITOVSKI

Teu romance se assemelha com os de grandes e renomados escritores brasileiros, como:

- Aluísio de Azevedo (Casa de Pensão, o cortiço);
- Graciliano Ramos (Vidas Secas), a terra dos meninos pelados, angústia, onde só a desgraça aparece;
- Guimarães Rosa (Grande Sertão - Veredas) Jagunços são os sem-terra, os Diadorins e Riobaldos acampados sob plásticos chamados de lonas pretas. O sertão ainda é a região do contestado; todavia o contestado é mais amplo no tempo e no espaço;
- José Lins do Rego, o menino do engenho do nordeste não é tão diferente do sul. No engenho nordestino fazia-se açúcar, que é doce. Aqui, pior, porque do lenho só sai dureza, visto que o engenho é uma serraria;
- lembra ainda o Memórias de um Sargento de Milícias de Manuel Antônio de Almeida. O Sargento salvou a pátria, ou melhor, a vida da pobre e prostituída... E se o pai tivesse conseguido o intento na foiçada de mata-cachorro-do-governo?

Fiquei muito surpreso e feliz com a tua obra, com o que li, com a fidelidade em demonstrar os fatos em sua crueza e realismo. Oxalá o Grande Arquiteto do Universo continue te inspirando com outras obras desta natureza.

É um livro/romance que precisaria chegar às mãos dos Deputados Estatuais e Federais. Já fizeste a tentativa de enviar a alguns deles? Quem sabe alguns o leiam, o que não é muito provável, mas pode ser que mandem a assessoria ler e fazer-lhes a ficha e assim tomem conhecimento do mundo real, já que os políticos vivem no mundo das ilusões.

Quanto ao fato de eu conhecer aquela realidade, aquele trabalho ingrato naquelas selvas medonhas, está totalmente enquadrado no tempo, no espaço e na ação social.

Até hoje o povo inculto e incauto vive à mercê dos aproveitadores, que por hora estão quietos, pois fazem parte do governo. São eles que mandam, mas no momento que deixarem de ser governo, verás do que são capazes novamente. Segundo o escritor ROGER BOTINI PARANHOS, de POA, estes são os “que estão à esquerda de Cristo”. Mas não desanimando, já que nossa missão é esclarecer, levar novas esperanças, mostrar o lado real e não o fantasioso.

A narrativa tal qual a descreves é incrivelmente real e há mais detalhes na tua obra do que eu tive conhecimento, mesmo vivendo aquele momento “in-loco”. E o que dizer do Izair, que levou a foiçada no capacete? Além dele houve também o policial que recebeu um coquetel molotov e incendiou, literalmente. Agimos rápido retirando-lhe praticamente toda a roupa e embora fosse uma manhã frigidíssima e o lugar úmido, aumentando a sensação de frio, salvamos o soldado incendiado sem maiores sequelas.

E eu, particularmente, me defendendo dos coquetéis molotov e dos dardos com pregos afiados na ponta, não consegui defender-me de uma pedrada que caiu sobre meu pé esquerdo, uma pedra de aproximadamente 800 gramas, que me deixou mancando por uns bons 15 dias.

A ponte, eu me encarreguei de mandar reconstruir e supervisionei, enquanto batemos em retirada na primeira escaramuça. Assim os ônibus puderam passar e fazer a volta; caso contrário não teriam onde manobrar e não era possível voltar de ré por mais de 2 km de subida íngreme em um carro estreito, onde uma das rodas duplas do veículo ficava rodando no vazio do despenhadeiro. Mas nossos homens, tal qual os Romanos, foram bons até nisso.

E com a Zilma aconteceu o que acontece com a maioria dessas pobres e desamparadas criaturas. Mas foi salva por aquele que poderia ter perdido a cabeça pela foiçada do Juvenal. Acabou sendo o salvador da Pátria, ou melhor, da família, que a partir de um “policia” foi reorganizada. Os treinamentos levados a efeito nos acampamentos, o acompanhamento e empenho dos filhotes

do Bispo e as freiras ajudantes é bem real. Eu fui pessoalmente verificar os campos de treinamento; mas a alimentação, segundo me disse o “nho Juca”:

- *“Nóis só comemo batata, já faz treis meis que nos come batata. A comida boa que vem de caminhão, aquela que vem nas latinha, fica pras infermera, que são as frera, os ajudante do Padre e os Lide do movimento. Pra nós só batata de manhã, de meio dia e de noite”.*

Perguntei: - e porque você veio aqui? Você tem casa?

- *“Tenho, mas os lide precisavam de gente pra enchê os acampamento. Eu dexei a muié e os fio pequeno em casa e vim pra cá co fio mais veio (16 anos). Agora não acredito mais nesses lide, vou-me imbora e não me pegam mais.”*

Até o Izair, um soldado, não entendeu porque não se empregou o PPT e outros armamentos. Quando o meu colega chegou com dois ônibus cheios de “polícia”, eu olhei para aqueles recrutas e perguntei: - quanto tempo de treinamento eles tem? E o macambúzio comandante não me respondeu. Perguntei: - qual é a tua estratégia? Novamente o macambúzio calou. Fiz mais uma pergunta e a resposta foi o silencio; portanto deixei-o fazer conforme sua vontade. Eu particularmente havia enfrentado várias outras situações anteriores, mas essa ficou para ele. Certamente Deus quis preservar-me de um problema maior. Sempre acreditei nos seus desígnios.

Foi imensa a honra de trabalhar contigo. Outra do mesmo tamanho foi ler a tua obra, que demorei para responder porque meu filho a levou para ler também. E também gostou. Grande abraço, sucesso, prosperidade e vida longa com saúde perfeita.

ARTIGOS ACADÊMICOS

1 – Acadêmico Coronel Marlon Jorge Teza



O caminho perigoso da repressão na Segurança Pública.

Nesta semana participei da Interseg — Feira Internacional de Tecnologia, Serviços e Produtos para a Segurança Pública, paralela à conferência da Associação Internacional dos Chefes de Polícia (*International Association of Chiefs of Police – IACP*), nos pavilhões do Riocentro na cidade do Rio de Janeiro-RJ.

De relance foi fácil observar que a feira, especificamente, estava recheada de produtos e serviços ligados à segurança pública (como não poderia deixar de ser). No entanto, ficou também muito fácil de constatar que a maioria dos expositores liga seu produto e/ou serviço à repressão policial. A prevenção fica num segundo plano, parecendo não ter muita importância para a atividade policial.

Divido essa constatação com os leitores, para voltar a comentar que a segurança pública brasileira, aí incluindo as polícias (todas), está demasiadamente repressiva, desconsiderando quase que por completo os produtos e serviços voltados à prevenção policial.

Munição, armamento letal e menos letal, viaturas possantes e de combate, dentre outros equipamentos, ressaltavam enormemente entre os demais.

Da mesma maneira os *stands* das instituições e órgãos policiais (Polícia Militar – Polícia Rodoviária Federal – Polícia Civil) ressaltam o que elas possuem de mais letal dentre seus equipamentos, armamentos, munições e, principalmente, seus treinamentos. Até mesmo a tal de Força Nacional de Segurança Pública, órgão que ainda carece de previsão legal e constitucional na estrutura policial brasileira, evidenciou em sua exposição os equipamentos, viaturas, uniformes,

armamento e treinamentos voltado quase que exclusivamente para repressão policial.

Aí vem, inclusive, à tona a tal da tão propalada “desmilitarização” da Polícia Militar. Na verdade, o que se vê é uma militarização de todo o sistema de segurança pública. Essa militarização está ocorrendo nas ações e no aspecto (vestes, armamento, equipamento, posturas, táticas, etc) das polícias e não na investidura da instituição policial como ocorre com a Polícia Militar. Vi que a Polícia Civil do Rio de Janeiro, a Polícia Rodoviária Federal e a própria “tal” de Força Nacional de Segurança Pública (que é composta por Polícias Militares, Bombeiros Militares, Policiais Civis, Policiais Rodoviários Federais etc) em nada diferenciam de uma instituição de investidura genuinamente militar, existente na grande maioria de forças policiais espalhadas pelo mundo afora.

Muito preocupa essa excessiva busca pela repressão nas ações de segurança pública, pois vai contra o que de moderno existe de estratégias para evitar a instalação do crime e da desordem, principalmente nos grandes centros urbanos de todo o mundo.

É claro que uma feira tem o fim precípua de estimular os negócios, ou seja, as vendas; contudo aqueles que desempenham atividades na área da segurança “pública” (pública e não privada) não podem se deixar levar por isso tudo, pois o seu “negócio” é evitar o crime e a desordem (respeitando a missão de cada um) e não esperar o mesmo ocorrer para então agir repressivamente com armamentos, equipamentos, munição, viaturas, e tudo mais.

É evidente que todos os órgãos e instituições de segurança pública, principalmente as policiais, devem possuir capacidade repressiva (reativa); porém deve ter, pelo menos, equilíbrio com aquelas medidas e aparato material preventivo.

O presente artigo, na verdade, tem o objetivo de chamar todos à reflexão sobre o qual ou quais os reais objetivos precípuos dos órgãos e instituições de segurança pública: prevenir ou reprimir.

Para finalizar, cito um dos princípios conhecidos como “princípios de PELL” que norteia desde 1829 a polícia metropolitana de Londres (Scotlant Yard), e que encaixa perfeitamente no conteúdo deste texto: *“O teste da eficiência da polícia será pela ausência do crime e da desordem, e não pela capacidade de força de reprimir esses problemas”*.

Participação da poetisa Zenilda Nunes Lins no Clarim com um soneto:

ESPERANÇA

Quando cheguei naquela casa, assim
decrépita, janelas desbotadas,
ervas daninhas cobrindo o jardim,
a porta quase toda escancarada,

vacilei: triste olhar dentro de mim,
despertava lembranças agitadas,
torturando o lembrar quase sem fim.
Afastei-me do umbral. Vidas passadas

desfilaram. Senti-me estremecer.
Lágrimas e sorrisos confundidos
emergiram do íntimo do meu ser:

momentos gloriosos já vividos
repletos de amor, enternecidos,
esperando um milagre acontecer!

Desembargador José Arthur Boiteux
Patrono da Cadeira 20 da Academia.



2 – Acadêmico Tenente Coronel Marcello Martinez Hipólito.



O ENSINO POLICIAL MILITAR NA LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO

A partir da Emenda Constitucional nº 18, de 05 de fevereiro de 1998, os militares, antes espécie do gênero servidor público, destacaram-se deste e passaram a constituir segmento próprio denominado simplesmente “militar”.

Referido destaque não implicou em desconsiderar os militares como agentes públicos em sentido amplo, definido “como todas as pessoas físicas que sob qualquer regime jurídico e algumas vezes sem ele prestam serviços à Administração Pública ou realizam atividades que estão sob sua responsabilidade”¹.

Na verdade a EC 18/98 deixou evidente algo que já era implícito anteriormente, qual seja, os militares federais, estaduais e distritais constituem espécie de agente público com regime jurídico próprio, qual seja, “sistema ou modo de regular, porque as coisas, instituições ou pessoas se devam conduzir conforme o direito próprio.”² Passou-se a prever um regime jurídico peculiar para os militares, inclusive sobre remuneração, prerrogativas e outras situações especiais, “consideradas as peculiaridades de suas atividades”.³

GASPARINI segue a mesma orientação no sentido de que a organização militar se difere em muito da

¹ GASPARINI, Diógenes. **Direito Administrativo**. 9^a edição ver. e atual. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 133

² SILVA, De Plácido e. **Vocabulário Jurídico**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Forense, 1989, 4 vol., p. 66.

³ MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito Administrativo Brasileiro**. 29^a edição. São Paulo: Malheiros Editores, 2004, p. 484.

organização do servidor civil na sistematização constitucional atual.⁴

Ocorre que essa distinção tão claramente disposta pelo legislador não encontra muitas vezes eco nos tribunais ou mesmo nos legisladores estaduais.

No Brasil, porém, o tema Administração Militar não tem merecido o necessário exame e divulgação por parte dos operadores do Direito, dificultando, assim, até mesmo uma verdadeira comunhão entre civis e militares, afastando uns dos outros por questões, muitas vezes preconceituosas e ideológicas.⁴

Essa desídia pelo Direito aplicável aos militares tem levado, em especial as instituições militares, a uma situação de anomia⁵ a ensejar uma perturbação nos preceitos fundamentais dessas instituições, que são a hierarquia e disciplina, bem como ao pleno funcionamento destas diante das suas peculiaridades em face de suas atribuições constitucionais.

Por tal é que a educação militar deve ser tratada de uma forma diferenciada da educação civil, tal como prescreve o artigo 83 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. A mesma diferenciação já ocorre nas academias militares nos Estados Unidos, que quando foram estudadas por sociólogos conduziram estes ao ponto comum de considerar sua educação sujeita “à intensidade do processo de

⁴ LAZZARINI, Álvaro. **Temas de Direito Administrativo**. 2^a ed. Ver. E ampl. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2003, p. 198.

⁵ “Anomia significa ausência de normas, mas também desorganização social por incapacidade das normas serem eficazmente impostas às condutas. CASTRO, Lola Aniyar de. **Criminologia da Reação Social**. Tradução Estér Kosovski. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1983, p. 23.

socialização profissional militar, combinada ao fato de que esse processo ocorre em relativo isolamento ou autonomia.”⁶

CASTRO considera que o militar comparado a outras profissões representa um caso limite sociológico que contribui para uma grande coesão ou homogeneidade interna, “mesmo que ao preço de um distanciamento entre militares e civis.”⁷

Há na educação militar, por isso, uma mudança de mundo, uma socialização secundária, “uma intensa concentração de toda interação significante dentro do grupo”.⁸

Esta lógica da educação diferenciada enunciada na LDB também deve ser aplicada às Polícias Militares, pois que o Brasil, acertadamente, seguiu o viés da militarização de sua polícia ostensiva, exigindo, assim, a manutenção de um sistema de educação peculiar.

Concebidas pela Constituição Federal de 1988 com a atribuição de Polícia Ostensiva e de Preservação da Ordem Pública, as Polícias Militares têm um papel fundamental na estabilidade das instituições democráticas e da própria ordem social.

Elas representam a última instância de ação do Estado no desiderato da paz social. Suas atribuições amplas e residuais, reconhecidas no Parecer GM-25⁹ (publicado no D.O.U. de 13.08.2001, pág. 06), fundadas na acepção ampla do termo “Ordem Pública”, as coloca como principais garatindoras do Estado Democrático de Direito.

Precedem as Polícias Militares o emprego das Forças Armadas, no caso de grave perturbação da ordem, e é neste particular que a educação militar, diferenciada da civil, encontra sua singular importância.

⁶ CASTRO, Celso. **O Espírito Militar: um Antropólogo na Caserna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 34.

⁷ CASTRO, Op. cit. P. 34

⁸ BERGER, Peter, LUCKMAN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 209.

⁹ BRASIL. Advocacia-Geral da União. **Parecer nº GM-25**: Publicado no Diário Oficial de 13.8.2001 p. 06.

Nas situações de anormalidade e de convulsão social não pode o Estado, mesmo numa sociedade democrática, deixar de dispor de agentes com qualificação diferenciada e sujeitos a regras diferenciadas, porquanto estarão a enfrentar situações de anormalidade, para buscar o retorno a situação de normalidade.

Neste sentido, uma instituição com uma educação eminentemente militar apresenta as melhores características de controle e de eficiência nas missões atribuídas. Por isso países de primeiro mundo e que alcançaram notável desenvolvimento econômico e social prescindem de organizações policiais militarizadas em sua formação e estrutura. França, Bélgica, Luxemburgo e Argentina tem a Gendarmeria, a Itália e o Chile os Carabineiros, a Espanha a Guarda Civil, Portugal a Guarda Nacional Republicana, todas organizações policiais fundamentalmente militares, cujos integrantes estão sujeitos a educação formadora especializada e diferenciada.

E a característica mais marcante dentre os militares de qualquer natureza e que os tornam distintos das demais profissões se consubstancia no juramento de cumprir fielmente sua missão “mesmo com o risco da própria vida”, prescrito no artigo 28, inciso I, do Estatuto dos Policiais Militares de Santa Catarina.

Na verdade, é o chamado compromisso de sangue que exige que a educação praticada nas instituições militares receba um tratamento distinto do legislador ordinário, a possibilitar a consecução de suas atribuições constitucionais.

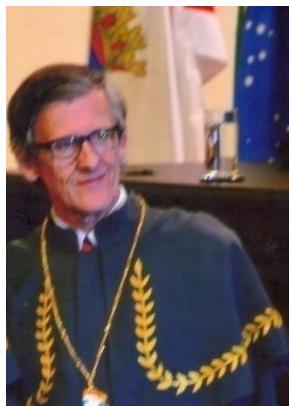
Concluindo, as características e atribuições particulares dos militares em relação aos civis requerem daqueles uma educação diferenciada e específica, por isso o legislador promulgou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação com a previsão de um espaço para o tratamento diferenciado da educação militar. Assim, o reconhecimento da comunidade acadêmica da qualidade da educação militar passa, necessariamente, pela consideração das particularidades desse ensino, que, em alguns aspectos, pode e deve seguir a orientação da comunidade científica, respeitadas suas particularidades.

3 - Acadêmico coronel Roberto Rodrigues de Menezes

AMENIDADES DE CASERNA

1. Senha e Contra-senha

(causo contado pelo tenente coronel Rogério Paraná de Almeida).



O ano era 1969 e havia a clássica manobra no mato fechado de um lugar da ilha dos casos e ocasos raros, ou seja, Floripa. Um teatro de guerra fictício, com luta entre tropas regulares e um grupo de guerrilheiros irregulares, representados por alunos oficiais.



O aluno Valmir Cabral estava de sentinela avançada no meio do mato escuro e denso de uma noite sem lua. Portava um fuzil 1908, daqueles pesados e remanescentes da primeira guerra, mas que ainda cumpriam a sua missão de dar uns tiros razoáveis. Como sempre, o material que o Exército não queria mais, nos emprestava. O Flávio Luiz Pansera, que hoje é coronel da Reserva e mora em Chapecó, aluno oficial também, saiu de seu tapiti, ou casa de troncos e folhas, disposto a dar um susto no intrépido Cabral, atividade não regulamentar que no linquajar castrense chamávamos "caqaco".

A sentinelha leva realmente um enorme susto, mas consegue se virar rápido e gritar a senha. Como ninguém registrou a dita, suponhamos que a tal senha fosse a palavra "Jesus". Todos sabem que, no meio militar, quando uma pessoa assim é interpelada, tem que gritar rápido a contrasenha, para o outro saber que é amigo e não precisa tomar alguma providência ruim. Suponhamos também que a contrasenha para este caso fosse "Genésio".

Acontece que o Pansera demorou a responder, ou até mesmo esqueceu a malvada da contra-resposta. O apavorado Cabral não contou tempo. Assestou o fuzil carregado com festim na direção do fantasma, que recebeu um chumaço de pólvora bem no meio das ventas. O Pansera, muito Iesto, ainda conseguiu se desviar, tentando se abaixar, e acabou recebendo a carga no peito e na barriga. Obviamente, a manta aliviou a desgraça.

Caiu como uma trouxa molhada, aos gritos, deixando o coitado do Cabral ainda mais apavorado. Chegou, então, rápida, a turma do "resolve", voltando a sentinelha ao seu posto e a vítima sendo encaminhada à enfermaria de campanha.

Diz o Paraná que no outro dia, bem de manhã, quando a tropa se reunia para tomar aquele terrível café com pó, apareceu o Pansera todo dolorido e com inúmeros salpicos de pólvora no corpo. Tinha mais de cem, afirma ainda hoje. E cada buraquinho foi lavado e tratado com mercúrio-cromo, trazendo ao Pansera ainda mais dissabores, queixumes, lamentações e a corzinha avermelhada do remédio, parecendo estar com sarampo. Azares das manobras.

2. Os caçadores de rãs

O aluno Valmir Cabral saiu uma noite da Escola para caçar rãs num ranário próximo do convento das freiras. Havia mesmo um convento próximo do quartel da Trindade, na ilha dos casos raros. Talvez ainda haja. Com ele estavam o Valverde e o Floriano. Passaram a mão numa fisga, que mais

parecia um tridente do pai da pequena sereia, calçaram suas botas de cavalaria, que era para não molharem os pés, e se mandaram para o brejo altas horas da noite. As freiras dormiam seu sono de inocentes donzelas e não deram pela invasão no terreno do convento.

Fisgaram uma daqui, fisgaram outra dali, e o Cabral logo em seguida viu uma das bem grandes, com somente a cabecinha de fora da água e os dois olhinhos seduzidos pela claridade da lanterna. Jogou rápido a fisga e deu na noite um baiata de um berro. O que ele pensava ser uma rã era na verdade a ponta de sua bota. Acertou o dedão do pé meio de raspão, aliviado pelo couro protetor. Até hoje o Cabral afirma que não foi ele, mas um dos companheiros que lhe acertou o pé. Os outros dizem o contrário.

Acreditar em quem? Não importa muito, até porque a invasão do brejo, um tímido arremedo de MST, deu em nada e já prescreveu. O grito do Cabral acabou com a caçada, saindo os três em desabalada carreira de volta ao quartel, pois as freiras seguramente iriam acordar.

No outro dia o Cabral se viu em palpos de aranha para calçar os coturnos, mas teve que fazê-lo para não despertar nenhuma suspeita. Se a história viesse à tona seria cana grossa, por abandono de quartel e invasão de propriedade dos outros, coisa que naquela época não podia.

O tenente ficou curioso com os passos trôpegos do aluno, e este lhe explicou que um livro lhe caíra do alto do armário do alojamento bem em cima do dedão, causando aquele machucado. Isso logo me lembrou o caso do deputado Roberto Jefferson, que apareceu de olho roxo em Brasília após fazer o Brasil constatar surpreso a marcha do mensalão, explicando que dera com o visor numa quina de guarda-roupa.

Parece que o tenente acreditou, as freiras não fizeram queixa e ninguém descobriu a façanha. Uma semana depois o Cabral já estava de novo no ranário. Só que com outra bota.

4 – Acadêmico Coronel Edmundo José de Bastos Júnior

Sobre Comandantes



O primeiro comandante da Força Policial da província de Santa Catarina foi o Alferes Joaquim Antônio de S. Thiago, que permaneceu no cargo de 22/1/1836 até 11/5/1838.

Dele pouco se sabe, valendo notar que se trata de ancestral da família cujo nome ostentam tantos filhos ilustres desta terra.

Pelo comando da atual Polícia Militar do Estado passaram, depois, oficiais do Exército, efetivos, reformados ou honorários, e oficiais da Guarda Nacional. Comandou-a, ainda no século passado (16/2/1878 – 6/8/1879) Fernando Gomes Caldeira de Andrade, capitão honorário do Exército, que fora o primeiro catarinense a atender ao chamado de voluntários para a Guerra do Paraguai, tendo, por isso, recebido em cerimônia pública, e das mãos do Presidente da Província, a bandeira do 25º Batalhão de Voluntários da Pátria, oferecida por senhoras do Desterro.

Por um curto período (1840-1848) a legislação facultou o exercício do comando a elementos da própria corporação. Em contrapartida, lei de 17 de abril de 1872 estabelecia que o comando da Força Policial seria, na falta de oficiais do Exército e da Guarda Nacional, confiado a *qualquer cidadão* que reunisse os requisitos necessários. Até mesmo civis, portanto, poderiam exercer o cargo, ao qual, paradoxalmente, não teriam acesso oficiais da própria Força, o que só mais tarde veio a acontecer.

A relação de comandantes inclui um sargento, Cândido José Teles, que ocupou o posto interinamente de 15 de abril a 30 de junho de 1848.

O período mais curto parece ser o do general-de-divisão da reserva do Exército Otávio Valgas Neves, que comandou de

29 de abril a 4 de maio de 1935, cinco dias, portanto. Digo parece porque há imprecisão nas datas, respectivamente, de dispensa e nomeação dos comandantes Carlos Augusto de Campos, Capitão do Exército, e Carlos Napoleão Poeta, coronel da Guarda Nacional, ambos de exercício inferior a um mês, entre Novembro e Dezembro de 1891.

O Comandante que mais tempo permaneceu no cargo foi o Coronel Cantídio Quintino Régis, que assumiu a 4 de maio de 1935 (véspera do primeiro centenário) e ficou até 6 de março de 1948.

Alguns exerceram o comando por mais de uma vez. Além da dúvida em relação aos dois José Manoel de Souza, há o caso do Major Januário Corte que, sempre interinamente, comandou a corporação por três períodos: 8/10/1907 a 19/10/1909, 29/4/1915 a 19/5/1917 e 14/2/1919 a 5/1/1922. Comandaram-na por duas vezes o Tenente Coronel Gustavo Schmidt, capitão e depois major do Exército, (13/7/1910 a 29/4/1915 e 25/5/1917 a 14/2/1919) e os coronéis João Cândido Alves Marinho (7/3/1948 a 30/11/1949 e 10/2/1951 a 1/12/1953) e Antônio de Lara Ribas (1/12/1949 a 4/8/1950 e 2/2/1961 a 17/1/1964).

Todos procuraram, com maior ou menor proficiência, e segundo o maior ou menor apoio que recebessem dos governantes dos respectivos períodos, aprimorar a corporação, tornando-a mais apta para o desempenho de sua importante missão.

Um houve, porém, cuja gestão, embora durasse escassos treze dias, ficou assinalada em cores negras na história da força policial catarinense. Trata-se do coronel da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, Amadeu Massot, que assumiu o cargo em 6 de novembro de 1930, como delegado da revolução vitoriosa, e que foi o executor de odiosas e mesquinhas medidas de represália contra a corporação, cuja resistência ao movimento só cessara quando não mais havia governo legal a defender.

Autêntico expurgo foi realizado no quadro de oficiais. Vários foram reformados por incapacidade física, após geral

inspeção de saúde. Outros foram sumariamente demitidos, inclusive o próprio Comandante Geral, Coronel Pedro Lopes Vieira. Sargentos e cabos foram rebaixados e excluídos. Essas medidas, e outras que vieram mais tarde, representaram o elevado preço que a então Força Pública pagou, simplesmente por ter cumprido o seu dever, permanecendo fiel ao governo legal.

(Páginas 12, 13 e 14 do livro *Polícia Militar: um pouco de história e algumas histórias – 1985 – Edição comemorativa ao Sesquicentenário da Polícia Militar, obra do nosso decano Coronel Edmundo*).

*

O soneto abaixo, obra prima do trocadilho, foi escrito no século XVII pelo poeta português seiscentista Antônio da Fonseca Soares (Frei Antônio das Chagas):

CONTA E TEMPO

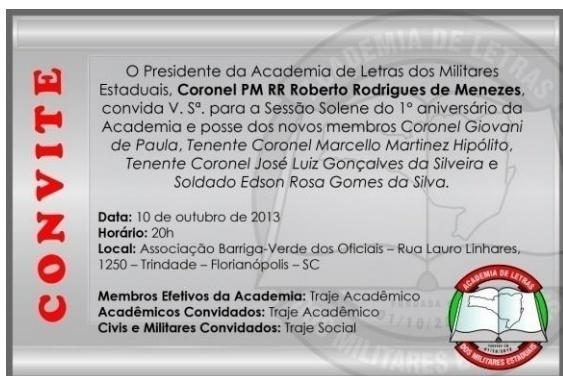
Deus pede estrita conta de meu tempo.
E eu vou, do meu tempo, dar-lhe conta.
Mas, como dar, sem tempo, tanta conta,
eu, que gastei, sem conta, tanto tempo?

Para dar minha conta feita a tempo,
o tempo me foi dado, e não fiz conta.
Não quis, sobrando tempo, fazer conta.
Hoje, quero fazer conta, e não há tempo.

Oh, vós, que tendes tempo sem ter conta,
não gasteis vosso tempo em passatempo.
Cuidai, enquanto é tempo, em fazer conta!

Pois, aqueles que, sem conta, gastam tempo,
quando o tempo chegar, de prestar conta
chorarão, como eu, o não ter tempo...

REGISTROS



10-10-2013 - Convite para Sessão Solene de Aniversário da Academia e posse de novos membros.



25-09-2013 – 20 horas - Sessão Solene de homenagem ao Corpo de Bombeiros Militar na ABVO. Em pé: David, Lacowicz, Tasca, Roberto, Maus, Menezes, Mocellin. Sentados: Bornhofen, Corrêa, Edenice, Vitovski, Edmundo.



25-09-13 – Sessão Solene em homenagem ao CBM - Augusto César de Abreu Teodoro (Academia São José de Letras), Roberto e Augusto Barbosa Coura Neto (Academia Alcantarense de Letras).



Escritor José Honório Marques, Presidente da Academia de Letras e Artes do Brasil, seccional Palhoça, e à direita seu confrade Lino Ávila Lopes. Agradecemos a doação de seu belo livro “Beliscando Cibalhos”, figuração poética de “beliscar palavras”, dar-lhes forma e substância até que se emoldurem num poema.



No dia 11 de outubro de 2013 o Presidente da Academia recebeu homenagem da ALIFLOR, Associação Literária Florianopolitana, através sua presidente Mara Núbia Roloff. A cerimônia aconteceu no auditório do Tribunal de Contas, Centro, às 19:30 horas.

Caríssimos amigos das academias de letras coirmãs e associações literárias prestigiaram a sessão solene do dia 10-10-13 na ABVO.



Augusto Coura. Parcerias e confraternizações relevantes com amigos já queridos.

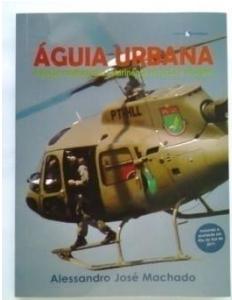


04-12-2013
Confraternização
de Natal da
Afapom,
Associação
Filantrópica de
Amparo aos
Policiais Militares
de Santa Catarina
(esposas de
militares
estaduais).

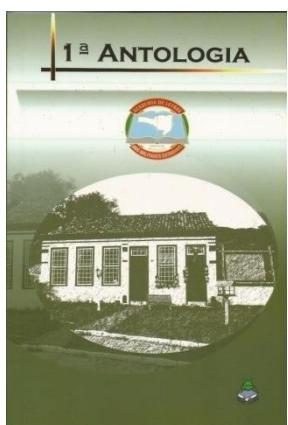
LIVROS



Chapecó – **Religação**, um livro de Flávio Luiz Pansera. As quatro grandes religiões, o Simbolismo maçônico, Alquimia espiritual. Criar Editora e Gráfica Ltda, Chapecó, Santa Catarina. Parabenizamos o Coronel RR Pansera pela irretocável pesquisa.



Joinville – A 26 de novembro de 2013 ocorreu o lançamento de importante obra do Major Alessandro José Machado, na Livraria Curitiba do Shopping Mueller. **Águia urbana**, aviação multimissão catarinense em ação e imagens. Parabéns ao Major Alessandro. O acadêmico tenente coronel Francisco de Assis Vitovski, presente ao lançamento, representou condignamente a Academia na Manchester catarinense.



Florianópolis – 7-12-2013 – Lançamento da **1ª Antologia da Academia de Letras dos Militares Estaduais** na ABVO, Associação Barriga Verde dos Oficiais Militares Estaduais, por ocasião da festa de aniversário do Clube, com eventos ao longo do dia. Cada acadêmico teve direito a cinco exemplares. A Associação Elói Mendes dos Oficiais da Reserva participou do evento. Sucesso total, o que nos leva a parabenizar o coronel Rogério, presidente da ABVO, e sua equipe.

Canção da Associação Barriga Verde dos Oficiais Militares Estaduais



No dia 18 de janeiro de 2007, às vinte e uma horas, na sede balneária de Canasvieiras, foi lançado o hino oficial do Clube.

Clube Barriga Verde dos Oficiais,
extensão da caserna,
uma casa paterna, guardando ideais.

Clube Barriga Verde dos Oficiais,
extensão da caserna,
uma casa paterna, guardando ideais.

Recanto, abrigo, lugar de amigos,
de todas as idades e estações;
Lugar onde a história se fez,
se renova pelos salões,
em festas, serestas, em noites de gala e manhãs de verão,
primavera são flores iguais aos amores que vêm e que vão.
Outono são folhas em maturação;
inverno é saudade, é um cair de tarde, derradeira estação.

Clube Barriga Verde das forças de paz,
extensão da caserna,
uma casa paterna, guardando ideais.

Letra: coronel Álvaro Maus

Música: capitão músico Walfredo Raymundo Pinho



HISTÓRIA

Trogílio Antônio de Melo ingressou na Força Pública em 1918. Por ter servido no Exército como 2º sargento, foi elevado a esta graduação. Promovido a 2º tenente em 1919. Em 1922 foi promovido a 1º tenente e em seguida a capitão. Demitido após a revolução de 30, foi readmitido em 1935 (foto desse ano do Almanaque do Centenário).

Reformado por idade em 1952, foi reintegrado no posto de tenente coronel. Sua fé-de-óficio é uma bela relação de serviços prestados, exercendo por trinta e duas vezes cargos policiais em vários municípios catarinenses. Várias vezes em combate, desempenhou missões perigosas com coragem e destemor, sendo muitas vezes considerado violento. *“Mas teve, sobretudo, as mãos limpas, como os que melhor as tenham tido em nossa generosa terra”.*

(Do livro “O milagre do coronel Trogílio, de Edmundo José de Bastos Júnior – Editora Garapuva – 1998).

Fotos de contracapa:

Foto 1: 10-10-13 - Acadêmicos ao final da sessão solene de 1º aniversário da Academia. Em pé: Schelavin, Edenice, Menezes, Maus, Martinez, Marlon, Ib, Bornhofen e David. Sentados: Giovani, Gonçalves, Vitovski, Oliveira, Roberto, Edmundo e Edson.

Foto 2: Jantar do Corpo de Bombeiros Militar de 18 de dezembro. (Esq/dir): acadêmico tenente coronel Corrêa; acadêmico coronel Oliveira, Cmt G; Dr. César Augusto Grubba, Secretário de Segurança Pública; acadêmico coronel Roberto; coronel Carlos Augusto Knihs, Chefe do Estado Maior do CBM; acadêmico coronel Mocellin e acadêmico tenente coronel Lacowicz.